

A HESITAÇÃO FÉRTIL: O CONFLITO ENTRE INTENÇÃO E PRÁTICA EM ROMANOS 7, À LUZ DA AGROSOFIA E DA AGROTEOLOGIA

Por Aínor Francisco Lotério — Engenheiro Agrônomo, Mestre em Gestão Pública, Filósofo, Teólogo e Diácono Permanente

1. O texto e o diagnóstico

Escrevendo aos cristãos de Roma por volta dos anos 57–58, provavelmente de Corinto, Paulo interrompe a exposição doutrinal de sua carta mais densa para fazer uma confissão em primeira pessoa. Não descreve um caso alheio: fala como quem se examina. “O que faço não o aprovo; pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço” (Rm 7,15). E adiante, a formulação que se tornou a mais citada de toda a antropologia bíblica: “não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço” (Rm 7,19).

A exegese moderna discute há mais de um século quem é o “eu” desse trecho. Seria Paulo autobiográfico, antes da conversão? Seria Adão, a humanidade inteira? Seria Israel diante da Lei? Seria um “eu” retórico, recurso literário para descrever a condição humana sem a graça? Autores como Kümmel, Dunn e Fitzmyer sustentam posições distintas, e a discussão permanece aberta. Para a finalidade deste artigo, importa menos a identificação do sujeito e mais o mecanismo que o texto descreve, porque esse mecanismo é universal e verificável em qualquer lavoura, em qualquer família, em qualquer cooperativa e em qualquer repartição pública.

O elemento decisivo está no versículo 18: o querer está presente, mas a realização não. A intenção existe inteira; a execução falha. E o versículo 16 acrescenta algo que costuma passar despercebido e que é, a meu ver, o coração do texto: ao fazer o que não quer, o ser humano reconhece que a norma é boa. Ou seja, o problema não está no estatuto, no regulamento, no mandamento, no plano de safra, no planejamento estratégico ou no propósito declarado. Paulo é explícito: “a lei é santa” (Rm 7,12). O problema está na mediação entre a norma boa e o executor frágil.

Toda a crise contemporânea das instituições, das famílias e das pessoas cabe nessa distinção. Não sofremos por falta de bons princípios. Sofremos por falta de mediação entre o princípio e o gesto.

2. Akrasia: um problema muito mais antigo que o cristianismo

Paulo não inaugura o tema; ele o aprofunda. Aristóteles, no livro VII da *Ética a Nicômaco*, já havia nomeado o fenômeno de *akrasia* — a incontidência, a fraqueza da vontade de quem conhece o bem e mesmo assim escolhe o pior. Ovídio, contemporâneo do apóstolo, coloca na boca de Medeia, nas *Metamorfoses* (VII, 20-21), a frase que atravessou vinte séculos: vejo o melhor e o aprovo, mas sigo o pior.

Agostinho, no livro VIII das *Confissões*, descreve o mesmo drama como um conflito entre duas vontades dentro de um mesmo homem — não uma vontade boa contra um corpo mau, mas uma vontade dividida contra si mesma. Tomás de Aquino trabalhará a distinção entre a intenção do fim e a eleição dos meios. Kierkegaard falará da angústia diante da liberdade. Paul Ricoeur, em *O Homem Falível*, chamará isso de desproporção constitutiva: somos maiores em projeto do que em execução, e é justamente nessa fresta que a fragilidade se instala.

A psicologia contemporânea, sem qualquer preocupação teológica, redescobriu o mesmo fenômeno e o batizou de *intention-behavior gap*: a distância mensurável entre o que as pessoas declaram que farão e o que efetivamente fazem. Os índices de abandono de dietas, de tratamentos médicos, de cursos iniciados e de planos de sucessão rural são a comprovação estatística de Romanos 7.

Paulo, portanto, não fez uma lamentação religiosa. Fez um diagnóstico antropológico que atravessou o tempo e continua exato.

3. Motivação Racional e Inteligência Orientada diante da hesitação

Ao longo de quatro décadas de extensão rural e de palestras, cheguei à convicção de que a motivação puramente emocional é a maior aliada da hesitação. Ela produz euforia na assembleia, aplauso no auditório, lágrima no encerramento — e evapora na segunda-feira. Por isso desenvolvi o conceito de **Motivação Racional**: motivar-se não é sentir-se animado, é decidir-se com razão suficiente e sustentar a decisão com método. E o conceito de **Inteligência Orientada**: não basta ter capacidade, é preciso ter direção; inteligência sem orientação é energia dissipada, como água boa que corre morro abaixo sem represa.

Aplicados a Romanos 7, esses conceitos permitem uma leitura precisa. O abismo entre intenção e prática não é, na maioria das vezes, déficit de conhecimento — o texto diz que o sujeito sabe. Não é déficit de boa vontade — o texto diz que ele quer. É **déficit de mediação**: falta ambiente, falta rotina, falta método, falta comunidade, falta quem cobre e quem sustente. A hesitação raramente se vence por esforço solitário de vontade; vence-se por reorganização das condições.

4. Leitura agrosófica: o que nasce sozinho e o que precisa ser semeado

A Agrosafia, mística da vida com base nas forças agronaturais, propõe extrair sabedoria do comportamento dos vegetais e das práticas agrícolas e aplicá-la à conduta humana.

Romanos 7 é, sob essa ótica, um texto agrícola — e, não por acaso, o próprio Paulo recorrerá pouco adiante, em Romanos 11, à imagem da oliveira brava enxertada na oliveira boa.

A assimetria da lavoura. Nenhum agricultor jamais precisou semear a planta invasora. Ela nasce sozinha, é rústica, dispensa adubo, resiste à seca e ocupa qualquer vazio. Já a cultura desejada exige semente selecionada, preparo de solo, época certa, adubação, capina, tratos e colheita. Aqui está a explicação agrosófica da frase de Paulo: o mal que não queremos é espontâneo; o bem que queremos é cultivado. Um terreno abandonado nunca fica vazio — fica tomado. A vida moral, familiar e institucional obedece exatamente à mesma lei: onde não há cultivo deliberado, a espontaneidade se encarrega de preencher, e ela raramente preenche com o melhor.

A dormência da semente. Muitas sementes possuem todo o potencial genético íntegro e ainda assim não germinam, porque falta água, temperatura, oxigênio, luz ou escarificação do tegumento. Não é infertilidade, é dormência. A hesitação humana é dormência: a intenção está inteira lá dentro, viva, viável, e não brota por ausência de condições externas. Isso muda radicalmente a estratégia. Quem trata a hesitação com discurso está pregando para a semente; quem a trata com mudança de ambiente está molhando o solo.

O tempo entre semear e colher. A vontade é imediatista; a lavoura é paciente. Entre o plantio e a colheita existe um intervalo em que nada aparece na superfície, embora tudo esteja acontecendo embaixo. A maior parte das desistências humanas ocorre exatamente nesse intervalo de invisibilidade. Quem foi criado no campo aprendeu cedo que fidelidade ao processo antecede o resultado visível — e essa é uma das lições que mais faltam à cultura da pressa.

A poda e a enxertia. A poda retira o que é vivo, mas improdutivo, para concentrar seiva no que dá fruto; renunciar não é perder, é direcionar. E a enxertia é a imagem mais exata da saída de Romanos 7: um ramo alheio, por si só incapaz de produzir fruto bom, passa a receber seiva de uma raiz mais forte e produz aquilo que jamais produziria sozinho. O ser humano não supera a contradição interna por força de braço, mas por enxertia — vinculando-se a uma raiz maior que ele.

5. Leitura agroteológica: a graça como chuva e a pedagogia da ausência

A Agroteologia, complemento da Agrosafia para públicos de fé, lê a relação entre Deus, a terra e o trabalho humano como lugar teológico. E aqui está o ponto que a leitura pessimista de Romanos 7 costuma perder: **o capítulo 7 não termina no capítulo 7**. O grito de 7,24 — quem me livrará? — encontra resposta imediata em 7,25 e desemboca em 8,1-2. A saída não é volitiva, é relacional. Não é esforço redobrado da mesma vontade que já falhou; é vínculo com Outro.

Traduzindo agronomicamente: o agricultor prepara o solo, seleciona a semente, corrige a acidez, planta na época certa e capina. Faz tudo o que lhe compete — e não fabrica a chuva. Existe uma parte que é técnica e uma parte que é dádiva. A teologia do limite é o coração da experiência rural, e é ela que impede tanto a arrogância de quem se acha autossuficiente quanto a preguiça de quem espera tudo do céu. Tiago 5,7 usa exatamente essa figura: a paciência do lavrador que aguarda as chuvas da estação.

Há ainda a parábola de Marcos 4,26-29, decisiva para o que venho chamando de **Pedagogia da Ausência**. O homem lança a semente, dorme e levanta, e a semente germina e cresce sem que ele saiba como. Deus, o maior dos educadores, retira-se deliberadamente para que a autonomia da criatura amadureça. Não é descuido: é método. Quem não se ausenta impede o outro de germinar. Essa é a chave que aplico à sucessão familiar, à formação de lideranças cooperativas e ao próprio exercício do ministério: a presença excessiva de quem conduz é, muitas vezes, o sombreamento que impede o crescimento de quem vem depois.

E se a Lei é santa mas não dá força (Rm 7,12.18), então em linguagem institucional: **o estatuto indica, a cultura habilita**. Nenhum regimento jamais transformou um grupo. O que transforma é o clima — e clima, em agricultura como em instituição, é aquilo que determina se a semente sai ou não da dormência.

6. Aplicações: onde Romanos 7 acontece hoje

Na família e na sucessão. A tese central de *Pais Frouxos, Filhos Sofredores; Pais Firmes, Filhos Felizes* é exatamente Romanos 7 aplicado à educação doméstica: pais que querem o bem dos filhos e não exercem a firmeza que esse bem exige. A distância entre o amor sentido e a autoridade praticada é o abismo paulino em versão familiar. Na sucessão rural, o mesmo: quase todo patriarca deseja passar o bastão, e quase nenhum o solta.

No cooperativismo. Meu pai, Auri Fábio Lotério, saía a cavalo pelos campos convidando agricultores a fundar uma cooperativa. Ele sabia que a doutrina não bastaria. Existem cooperativas com estatutos exemplares e prática frágil, associados que aprovam na assembleia o que não cumprem na propriedade, princípios pendurados na parede da sede e ausentes do balcão. A resposta cooperativista clássica a esse problema é o quinto princípio — educação, formação e informação —, isto é, a mediação institucionalizada entre a norma

boa e o comportamento real.

No clima institucional. Quatro elementos quebram a dormência de qualquer grupo humano: gratidão, pertencimento, elogio e clima. Gratidão reconhece a origem; pertencimento gera responsabilidade; elogio é a adubação de cobertura da conduta desejada; e o clima é o ambiente que decide se a semente germina. Nenhum dos quatro está em regulamento algum, e é por isso que regulamentos, sozinhos, nunca bastaram.

No serviço e no ministério. O líder, o gestor público e o ministro ordenado conhecem uma forma específica desse conflito: acumular o urgente estrutural e adiar indefinidamente o essencial para o qual foram chamados. Fazer muito não é o mesmo que fazer aquilo. Discernir aqui não é hesitar — é podar.

7. Da contradição à fecundidade

Romanos 7 não é sentença de condenação; é diagnóstico lúcido. E há um detalhe consolador no texto que quase ninguém observa: quem percebe a própria contradição já está desperto. A cegueira moral não escreve Romanos 7. Só escreve esse capítulo quem já foi tocado pela luz suficiente para enxergar a distância entre o que deseja e o que faz.

Três mediações, portanto, respondem à hesitação. Reconhecer sem se destruir, porque a autoacusação estéril é apenas outra forma de imobilidade. Reorganizar o ambiente e o método, porque a vontade isolada é o instrumento mais fraco de que dispomos e o ambiente é o mais forte. E enxertar-se numa raiz maior — a graça, a comunidade, e aquilo que chamo de aliança plena: Deus Criador, a própria pessoa e o cônjuge com a família, tríade sobre a qual todas as demais relações se sustentam.

No Sítio Agrosófia, na Comunidade Rural do Braço, em Camboriú, cultivo garapuvu e ipê, espécies nativas da Mata Atlântica que crescem devagar e vivem muito. Nenhuma delas jamais brotou por decisão própria. Brotaram porque alguém preparou a cova, esperou a chuva e teve paciência com o intervalo. A hesitação humana não é esterilidade. É dormência à espera de condições — e condições são a única coisa que efetivamente está em nossas mãos.

REFERÊNCIAS

Fontes bíblicas e magisteriais

BÍBLIA. Carta de São Paulo aos Romanos, capítulos 7, 8 e 11. BÍBLIA. Evangelho segundo Marcos 4,26-29; Carta de Tiago 5,7; Gênesis 2,15. CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, n. 13. FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Laudato Si'* — sobre o

cuidado da casa comum. Vaticano, 2015.

Fontes filosóficas e teológicas

AGOSTINHO. *Confissões*, livro VIII. AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*, I-II, questões 6 a 17. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, livro VII. DUNN, James D. G. *Romans 1–8*. Word Biblical Commentary. FITZMYER, Joseph A. *Romans*. Anchor Bible. KIERKEGAARD, Søren. *O Conceito de Angústia*. OVÍDIO. *Metamorfoses*, VII, 20-21. RICOEUR, Paul. *O Homem Falível* (Finitude e Culpabilidade I).

Obras do autor

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Pais Frouxos, Filhos Sofredores; Pais Firmes, Filhos Felizes — Motivação, Reflexões e Agrosafia*. LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Paixão pelo Cooperativismo*. LOTÉRIO, Aínor Francisco. *A Eternidade em Nós*. LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Um Minuto de Inspiração*.

Produção nos portais do autor

Portal principal — Agrosafia e Cooperativismo: <https://www.ainor.com.br> Portal complementar — artigos, palestras e registros: <https://www.loterio.com.br> Conheça o Aínor (perfil e formação): <https://loterio.com.br/ainor-francisco-loterio/> Agrosafia e agricultura (textos e artigos): <https://ainor.com.br/agricultura/> Artigos científicos, papers e hipertextos: <https://loterio.com.br/categoria/artigos-e-pensamentos/> Textos e artigos sobre agricultura: <https://loterio.com.br/categoria/agricultura/agricultura-textos-e-artigos/> Blog do Aínor (registros de palestras e reflexões): <https://ainor.com.br/categoria/blog/> Eixos, temas e públicos: <https://loterio.com.br/eixo-temas-e-publicos/> Aínor Lotério e a Família: <https://loterio.com.br/ainor-loterio-e-a-familia/> Alegria de Viver (coluna e programa de rádio desde 1989): <https://loterio.com.br/categoria/alegria-de-viver/> Cooperativismo (busca temática): <https://loterio.com.br/?s=Cooperativismo> "O Grão de Mostarda e a Agrosafia, mística da vida com base nas forças agronaturais": <https://ainor.com.br/categoria/blog/> "A trajetória, o portal e a presença digital de Aínor Lotério": <https://loterio.com.br/a-trajetoria-o-portal-e-a-presenca-digital-de-ainor-loterio-uma-identidade-que-antecede-o-algoritmo/>